

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

COMPARAÇÃO DOS ASPECTOS CULTURAIS DOS LIVROS DIDÁTICOS
ENGLISH FILE E *AMERICAN ENGLISH FILE* NO ENSINO DO INGLÊS COMO
LÍNGUA INTERNACIONAL

Brenda Oliveira de Fatima

Rio de Janeiro
2024

BRENDA OLIVEIRA DE FATIMA

COMPARAÇÃO DOS ASPECTOS CULTURAIS DOS LIVROS DIDÁTICOS
ENGLISH FILE E *AMERICAN ENGLISH FILE* NO ENSINO DO INGLÊS COMO
LÍNGUA INTERNACIONAL

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio
de Janeiro como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Letras na habilitação Português/Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Tilio

Rio de Janeiro

2024

Agradecimentos

Agradeço a Deus por guiar meus passos e me conceder força e sabedoria durante toda esta jornada acadêmica.

Ao meu marido, Bruno, meu maior suporte e companheiro presente, por estar sempre ao meu lado, me incentivando e compreendendo os desafios desta jornada.

À minha mãe, Lusanira, e ao meu pai, Efigênio, pelo apoio incondicional, amor e incentivo em momentos cruciais da minha vida.

Às minhas irmãs, Janete e Samara, por serem grandes exemplos de determinação, coragem e amor, e por me inspirarem a persistir.

Aos meus queridos alunos, por serem uma fonte constante de inspiração e aprendizado, e por me motivarem a ser uma professora melhor a cada dia.

Ao meu orientador, Rogério Tilio, pela orientação precisa, conselhos valiosos e incentivo ao longo deste trabalho. Agradeço pela paciência e apoio indispensável.

Essas pessoas foram essenciais em minha jornada acadêmica e pessoal, e sou imensamente grata por todo o apoio, amor e compreensão que me proporcionaram. Sem eles, este trabalho não seria possível.

Resumo

Esta monografia explora como os livros didáticos "English File" (Third Edition, 2012) e "American English File" (Second Edition, 2013) apresentam e instigam a questão da culturalidade no ensino da língua inglesa para falantes não nativos em seus materiais. A pesquisa destaca a importância da cultura como forma de expressão individual e social (Duranti, 1997 [2012]), e como a língua inglesa, sendo global, reflete diversas bagagens culturais (McKay, 2002; Brown, 1994). O estudo utiliza uma análise qualitativa ao comparar as edições "Elementary" e "Level 1" dos materiais, examinando divergências culturais e a presença de aspectos multiculturais, além da predominância das variações americana e britânica. As conclusões sugerem a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e diversificada nos livros didáticos para promover uma melhor compreensão intercultural.

Palavras-chave: Cultura, inglês como língua internacional, ensino de inglês, material didático, variação.

Abstract

This monograph explores how the textbooks "English File" (Third Edition, 2012) and "American English File" (Second Edition, 2013) present and instigate the issue of cultural aspects in teaching English to non-native speakers through their materials. The research highlights the importance of culture as a form of individual and social expression (Duranti, 1997 [2012]), and how the English language, being global, reflects diverse cultural backgrounds (McKay, 2002; Brown, 1994). The study uses a qualitative analysis to compare the "Elementary" and "Level 1" editions of the materials, examining cultural divergences and the presence of multicultural aspects, alongside the predominance of American and British variations. The conclusions suggest the need for a more inclusive and diversified approach in textbooks to promote better intercultural understanding.

Keywords: Culture, English as an international language, English teaching, teaching materials, variation.

Lista de abreviaturas e siglas

AEF	American English File
EF	English File
EIL	English as an International Language

Sumário

Introdução	8
1. Fundamentação teórica	11
1.1 Cultura e linguagem.....	11
1.2 Multiculturalidade e Ensino de Inglês como Língua Internacional.....	14
1.3 “Inglês americano” e “inglês britânico”	18
2. Análise	21
2.1 Metodologia	21
2.2 O material: <i>Level 1</i> e <i>Elementary</i>	22
Considerações Finais	31
Referências	32

Introdução

Nesta monografia será explorado como os livros didáticos *English File* (Third Edition, 2012) e *American English File* (Second Edition, 2013) exploram a questão da culturalidade ao se proporem a ensinar falantes não nativos a se comunicarem usando a língua inglesa (*Teacher's Book*, p. 8). Assim como afirma Duranti (2012), a cultura é um fator importante para o ser humano por ser uma das principais formas de expressão individual e social, sendo uma ponte que nos conecta com o mundo. E é através da língua que pessoas pertencentes a uma comunidade transmitem e entendem seus valores como indivíduos, selando uma relação inevitável entre cultura e linguagem.

O inglês é uma língua global, ensinada e aprendida por milhões de pessoas em todo o mundo (Graddol, 2006), cada uma trazendo consigo sua própria bagagem cultural, o que enriquece ainda mais o cenário linguístico. Essa bagagem reflete-se não apenas nos sotaques e nas expressões idiomáticas regionais, mas também nas maneiras únicas de se comunicar, pensar e perceber o mundo. Ao aprender inglês através de materiais didáticos, os estudantes não apenas adquirem habilidades linguísticas, mas também têm a oportunidade de mergulhar em diferentes culturas de acordo com o que é apresentado a eles, sendo uma oportunidade de ampliar seus horizontes e promover a compreensão intercultural. Isso destaca a importância da presença de elementos e perspectivas diversamente culturais no que é abordado em aula.

Conforme McKay (2002) elabora, o inglês não é mais uma língua que pertence exclusivamente aos falantes nativos, mas sim uma língua global, adotada e adaptada por falantes de todo o mundo como uma ferramenta de comunicação chave com seus respectivos padrões linguísticos. Portanto, é extremamente limitado criar duas linhas de materiais focados apenas em “inglês britânico” e “inglês americano”, exaltando majoritariamente suas próprias culturas, como veremos na seção avaliativa deste trabalho.

O material produzido pela *Oxford University Press* é utilizado amplamente em diversos países pelo mundo, impactando no aprendizado de milhares de alunos, trazendo, portanto, a relevância do material selecionado para essa pesquisa de monografia. Através do programa *Oxford Impact Framework*, o departamento de educação da universidade de Oxford desenvolveu um estudo de impacto em 2018

para atestar sua eficiência, que contou com mais de 200 professores que utilizam o *English File* em 33 países. O estudo revela: “ENGLISH FILE tem ajudado mais de 20 milhões de alunos a falar inglês há mais de 20 anos.” ¹Nossa tradução (OXFORD, 2018, p. 2).

Em pesquisa desenvolvida na Espanha, Espinar e Rodríguez (2019) comparam diferentes edições do *English File* (1999 e 2013) e examinam a compreensibilidade cultural nas duas edições. É concluído que houve um pequeno aumento de ocorrências relacionadas a aspectos culturais na edição de 2013, especialmente em aspectos socioculturais em torno de normas, valores e crenças, porém defendem que é algo que ainda pode ser melhorado. No Irã, algumas pesquisas também foram desenvolvidas em torno do tema. Derakhshan (2018) analisa livros da segunda edição do *American English File* (2013), e chega à conclusão que é um livro preconceituoso culturalmente, recheado de ideias fundamentalmente ocidentais. Ele afirma ser um material que carrega conteúdo não só linguístico, mas também as crenças dos falantes nativos da língua ensinada. Ele traz o fato de o papel do professor ser de extrema importância para manter presente a cultura iraniana, dialogando com a apresentada pelo livro. Em concordância, Ziaei (2012), ao analisar o mesmo material pela perspectiva de inglês como língua global, afirma que o Reino Unido e os Estados Unidos são os dois países com mais ocorrências de citações. O autor cita como algumas situações abordadas ao longo do *Level 1* não concordam com o que grande parte dos iranianos têm como valores culturais, como beber álcool ou dois adolescentes de sexos opostos viajando juntos, por exemplo. Em sua opinião, isso torna o livro inapropriado para ser utilizado no Irã. Ziaei dá a sugestão de que os autores considerem criar materiais específicos para diferentes regiões geográficas e que os professores devem gerar um ambiente de comparação cultural com a sua própria ao invés de apenas exaltar a que está sendo estudada.

As perguntas a serem respondidas nesta pesquisa são:

- Como as versões inglesa e americana trazem exemplos de divergência cultural?

¹ Original: ENGLISH FILE has helped more than 20 million students to get talking in English for over 20 years.

- Como este material didático traz questões mundialmente multiculturais para o ensino de inglês?

Será abordado como duas edições diferentes - a *English File* e a *American English File* - diferem entre si nos quesitos linguísticos e culturais da língua inglesa e dos países que representam (Inglaterra e Estados Unidos, respectivamente), assim como a presença de características típicas de diferentes culturas mundiais. Na seção de fundamentação teórica, serão analisadas e conectadas as noções de cultura e o aspecto de inglês como língua internacional (EIL). Em seguida, será feita a análise qualitativa dos segundos livros das sequências de cada material, o *Elementary* e o *Level 1*, de ambas as versões: *English File* e *American English File*. Por fim, as considerações finais resumem as conclusões alcançadas através desta pesquisa.

1.1 Cultura e linguagem

De acordo com Duranti (1997 [2012]), historicamente, a cultura era um conceito definido pelo mundo ocidental, moldado por seus próprios pontos de vista e valores. Nesse contexto, tudo o que diferia dos costumes ocidentais era considerado "cultura", refletindo uma perspectiva totalmente colonizadora. Esse ponto de vista não apenas subestimava as culturas não ocidentais, mas também as via como exóticas ou inferiores. O autor observa que “Hoje, a cultura é usada para explicar por que grupos minoritários e marginalizados não se assimilam ou se integram facilmente na sociedade dominante” (nossa tradução²). Essa visão perpetua estereótipos e mantém preconceitos, ignorando as complexas razões históricas, sociais e econômicas que contribuem para a marginalização de alguns grupos sociais. Ao culpar a "cultura" desses grupos pela falta de assimilação, a sociedade dominante evita enfrentar suas próprias falhas e responsabilidades na criação e manutenção dessas barreiras. Indo em contrapartida a essa ideia, o autor convida o leitor a refletir sobre as semelhanças e diferenças pelas quais pessoas ao redor do mundo se identificam e se agrupam de diversas maneiras, gerando uma perspectiva menos discriminadora e mais democrática. É tarefa de todos nós deixarmos a perspectiva imperialista de lado e olhar para a diversidade linguística como algo precioso e que vale a pena ser explorado.

Através da análise de diversas teorias, Duranti (1997 [2012]) explora o conceito de cultura, enfatizando continuamente como a linguagem está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento social e pessoal desse conceito como um todo. Na perspectiva de “cultura como distinta da natureza”, por exemplo, é defendido que a cultura é adquirida através da interação com as pessoas e meio em sua volta, não sendo algo inerente por si próprio. E naturalmente essas ideias são transpassadas por indivíduos através da linguagem, sendo impossível estudar uma cultura sem analisar a língua que é utilizada por seus integrantes. O autor afirma: “O que está claro até aqui é que, na aquisição da linguagem, a natureza e a cultura interagem de várias maneiras para produzir a singularidade das línguas humanas” (nossa tradução³). Portanto, os fatores cultura e linguagem interferem diretamente

² Original: “Today, culture is used to explain why minorities and marginalized groups do not easily assimilate or merge into the mainstream of society.” (p. 23)

³ Original: What is clear at this point is that in the acquisition of language, nature and culture interact in a number of ways to produce the uniqueness of human languages. (p. 25)

um no outro em seus processos de desenvolvimento, gerando características únicas e compartilhadas por membros integrantes de um determinado grupo social.

Através da perspectiva “cultura como sistema de participação”, Duranti (1997 [2012]) desenvolve cultura como intimamente ligada à ideia de um sistema de práticas. Essa noção baseia-se na compreensão de que a comunicação verbal possui uma qualidade inerentemente social, coletiva e participativa. Falar uma língua é mais do que simplesmente articular palavras - significa a capacidade de se envolver em interações dentro de um mundo que se estende muito além de nós como indivíduos e abrange mais do que podemos perceber de forma imediata. A linguagem tem um duplo propósito: descrever o mundo e nos conectar aos seus inúmeros habitantes, objetos, lugares e períodos históricos. Através da linguagem é possível navegar e construir nossa própria compreensão do mundo, constantemente reforçando nosso lugar dentro de um contexto social e histórico mais amplo. Falar uma língua é selecionar uma maneira específica de se engajar com o mundo e de manter relacionamentos com aqueles que convivemos. O uso da linguagem é fundamental para nossa participação em uma comunidade de ideias e práticas, atuando como o meio através do qual compartilhamos conhecimentos, valores e experiências.

A maneira como uma língua categoriza e nomeia experiências é um fator evidente de como a própria pode influenciar a forma como seus falantes percebem e interagem com o mundo, de acordo com diversos estudos. Duranti articula alguns desses estudos e afirma (1997 [2012, p. 26]):

Nessa perspectiva, a linguagem é parte da cultura. Mais especificamente, as línguas categorizam o mundo natural e cultural de maneiras úteis. Elas são ricos sistemas de classificação (taxonomias) que podem fornecer pistas importantes sobre como estudar crenças ou práticas culturais específicas. Tais sistemas de classificação são arbitrários – como explicar, de outra forma, as diferenças de vocabulário e domínios semânticos entre as línguas?

Nossa tradução⁴

⁴ Original: In this perspective, language is part of culture. More specifically, languages categorize the natural and cultural world in useful ways. They are rich systems of classification (taxonomies) that can give important clues about how to study particular cultural beliefs or practices. Such systems of classification are arbitrary – how to explain, otherwise, the differences in vocabulary and semantic domains across languages. (Duranti, 2012, p. 26)

Através das línguas, classificações são expressas em palavras – a palavra "saudade" em português, por exemplo, não tem uma tradução direta como substantivo em inglês. Esse fenômeno não é exclusivo do português e inglês; ocorre com muitos outros pares de palavras ou expressões idiomáticas em diferentes idiomas. Por exemplo, o termo japonês "komorebi" descreve a luz do sol que passa por entre as folhas das árvores, e o alemão "Schadenfreude" refere-se ao prazer obtido a partir do infortúnio alheio. Esses exemplos ilustram como certas palavras carregam significados e emoções específicas que são profundamente enraizadas nas culturas de onde se originam. A existência dessas palavras e expressões únicas indica diferenças de pensamento e definições entre as línguas, refletindo perspectivas culturais diversas e revelando como cada língua organiza o mundo de maneiras distintas.

Em essência, a linguagem não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas um veículo para a expressão cultural e a integração social. Ela nos permite participar de atividades coletivas, entender diversas perspectivas e contribuir para o diálogo contínuo que define nossas sociedades. Através da linguagem, conectamo-nos com os outros, compartilhamos histórias e construímos um senso de pertencimento em um mundo vastamente complexo e interconectado.

Assim como afirma Duranti (1997 [2012]), cultura é uma forma que temos de pensar diferente, e analisar o mundo ao nosso redor por uma perspectiva que não a nossa. É uma forma de entender que não apenas os nossos conceitos são os corretos e absolutos, mas que outros grupos de pessoas foram formados em seus processos de crescimento e formação com outras perspectivas comumente aceitas em seu meio. Portanto, é essencial que os autores de um livro didático que é utilizado em diversos países apliquem apresentações e abordagens de diversas culturas, conectando-se com seu público alvo e permitindo ao aluno que expresse suas próprias ideias e visão de mundo através de uma nova língua - neste caso, o inglês.

1.2 Multiculturalidade e Ensino de Inglês como Língua Internacional

A linguagem é um dos pilares fundamentais que perpetuam e transmitem culturas de geração em geração. Ela não apenas preserva tradições, valores e conhecimentos, mas também molda a identidade coletiva de uma comunidade. Por outro lado, a linguagem também pode atuar como uma barreira que separa culturas. Duranti (1997 [2012, p. 62]) escreveu:

[...] a linguagem é um instrumento poderoso que nos permite compreender o mundo – ela fornece categorias de pensamento –, mas, ao mesmo tempo, por causa dessa propriedade, restringe nossas possibilidades e limita o quanto podemos ver, seja de perto ou de longe. (Nossa tradução⁵)

Se alguém não sabe falar inglês, por exemplo, se sente distanciada da cultura dos falantes nativos ou não de inglês e não consegue acessar uma série de conhecimentos disponíveis na língua. Esse distanciamento pode manifestar-se de várias formas, desde dificuldades em acessar informações e participar de conversas, até a exclusão de experiências culturais compartilhadas, como literatura, cinema e outros meios de comunicação. O domínio de uma língua abre portas para a compreensão e a apreciação de culturas diferentes, facilitando a interação e a integração entre povos. Porém, a falta de conhecimento de uma língua pode criar um senso de alienação e isolamento, limitando a capacidade de uma pessoa de se conectar com aqueles que falam essa língua. Dessa forma, a linguagem desempenha um papel duplo: enquanto ela une e fortalece comunidades, também pode manter pessoas separadas. Isso destaca a importância do aprendizado de línguas como um meio de promover a comunicação intercultural e a compreensão de signos internacionais, fomentando um ambiente de diálogo, cooperação ampla e riqueza cultural.

De acordo com Graddol (2006), atualmente há mais falantes de língua inglesa no mundo que a têm como segunda língua do que falantes nativos. McKay (2002) também observa que o inglês é falado por um grande número de pessoas, geograficamente bem distribuídas pelo mundo. Desta forma, pode-se dizer que o inglês não mais pertence a seus falantes nativos, uma vez que é utilizada e

⁵ Original: “[...] language is a powerful instrument that allows us to make sense of the world – it provides categories of thought –, but, at the same time, because of this property – constrains our possibilities, limits how far or how close we can see”

modificada por diversos falantes de variadas nacionalidades. Jenkins, Cogo e Dewey (2011) afirmam:

Se a globalização é o meio pelo qual o mundo se tornou mais INTERCONECTADO, com nossos espaços econômicos, culturais, políticos, profissionais e sociais cada vez mais entrelaçados, então as interações em inglês como língua franca são o principal meio pelo qual essas conexões são feitas, pelo qual as relações humanas são mantidas através de fronteiras convencionais. Em outras palavras, o Inglês como Língua Franca (ELF) é ao mesmo tempo um fenômeno GLOBALIZADO e GLOBALIZADOR. (Nossa tradução)⁶

A importância do inglês no cenário globalizado não pode ser subestimada. Ele serve como a principal ferramenta para estabelecer e manter conexões humanas através de fronteiras conforme suas necessidades de comunicação. Em ambientes de negócios, por exemplo, o inglês como língua franca facilita negociações internacionais, colaborações entre empresas e a expansão de mercados globais. No campo da educação, ele permite que estudantes e acadêmicos de diferentes países compartilhem conhecimentos e trabalhem juntos em pesquisas. Na esfera social, o ELF possibilita interações culturais e amizades que atravessam continentes, refletindo a realidade de um mundo onde a interconexão é a norma e, ao mesmo tempo, facilita essa interconexão ao fornecer um meio comum de comunicação. Ao permitir que pessoas de diferentes origens culturais e linguísticas se entendam, o ELF promove a inclusão, a diversidade e a cooperação internacional.

Baseada na ideia de Smith (1976), McKay afirma: “O objetivo educacional de aprender uma língua internacional é permitir que os alunos comuniquem suas ideias e cultura aos outros” (nossa tradução⁷). A autora deixa claro como ao aprender uma língua internacional - aquela utilizada por dois ou mais falantes que não a têm como sua língua materna - é importante ter como abordagem em sala de aula aprender a dialogar sobre sua própria cultura e alcançar uma discussão balanceada sobre ambas. Por exemplo, ao discutir tradições como o "Valentine's Day" nos Estados Unidos e o "Dia dos Namorados" no Brasil, os alunos não apenas aprendem sobre

⁶ Original: “If globalization is the means by which the world has become more INTERCONNECTED , with our economic, cultural, political, professional and social spaces ever more entwined, then lingua franca interactions in English are the primary means by which those connections are made, by which human relations are maintained across conventional boundaries. In other words, ELF is at once a GLOBALIZED and GLOBALIZING phenomenon” Page 24.

⁷ Original: “the educational goal of learning an international language is to enable learners to communicate their ideas and culture to others” (p. 16)

as diferenças e semelhanças entre essas celebrações, mas também têm a oportunidade de compartilhar aspectos de suas próprias culturas. Essa abordagem fortalece a habilidade de comunicar suas próprias ideias e tradições culturais de maneira eficaz e significativa.

Uma escola de inglês ou um material de aprendizado de língua inglesa são mais do que simples instituições ou ferramentas educacionais - eles desempenham um papel significativo na perpetuação de crenças culturais e linguísticas. Esses ambientes de ensino transmitem habilidades linguísticas e também, especialmente, disseminam valores, tradições e perspectivas culturais que estão intrinsecamente ligadas à língua inglesa. Duranti (2012, p.68) traz uma reflexão que resume bem essa ideia:

Uma língua é mais do que um conjunto de categorias e regras fonológicas, morfológicas, sintáticas ou lexicais. Uma língua existe no contexto das práticas culturais que, por sua vez, dependem de vários outros recursos semióticos, incluindo as representações e expectativas fornecidas pelos corpos dos participantes e seus movimentos no espaço, o ambiente construído em que atuam e as relações dinâmicas estabelecidas através de formas recorrentes de realizar atividades em conjunto. (Nossa tradução⁸)

Ao funcionar como veículos de transmissão cultural e linguística, as escolas de inglês e os materiais de aprendizado desempenham um papel crucial na formação das identidades culturais dos alunos e na promoção de uma compreensão mais profunda e respeitosa entre diferentes culturas. Incluindo uma variedade de perspectivas culturais, esses recursos educacionais podem ajudar a construir uma consciência global mais abrangente e uma apreciação pelo inglês como uma língua verdadeiramente internacional.

Ao focar exclusivamente nas estruturas linguísticas sem considerar o contexto cultural sócio-histórico, perdemos de vista a natureza dinâmica e multifacetada da comunicação humana. A linguagem não é apenas um conjunto de regras e símbolos, mas um fenômeno vivo que reflete e molda nossas interações sociais, identidades culturais e experiências individuais. Compreender a linguagem em seu contexto mais amplo nos permite apreciar melhor a riqueza e a complexidade da

⁸ Original: "A language is more than a set of phonological, morphological, syntactic, or lexical categories and rules for their use. A language exists in the context of cultural practices which, in turn, rely on a number of other semiotic resources, including the representations and expectations provided through the participants' bodies and movements in space, the built environment in which they act, and the dynamic relations established through recurrent ways of doing things together."

comunicação humana. Como Jenkins, Cogo e Dewey (2011) afirmam: “A questão central sobre o Inglês como Língua Franca (ELF) é que ele é uma atividade multilíngue que envolve falantes provenientes de diversas regiões geográficas” (nossa tradução⁹). Entende-se, então, que falantes de diversas regiões geográficas carregam consigo suas bagagens culturais recheadas de informações e traços que as formam como pessoas.

⁹ Original: “The whole point about ELF is that it is a multilingual activity involving speakers who have come together from a range of different geographical regions” (p. 285)

1.3 “Inglês americano” e “inglês britânico”

A ação de enxergar a multiculturalidade presente nas salas de aulas de aprendizes de língua inglesa ao redor do mundo envolve olhar para o fator variação. A variação linguística é um fenômeno natural e inevitável em qualquer língua, que ocorre quando uma língua apresenta diferentes formas de uso, podendo variar de acordo com diversos fatores, como faixa etária, localização geográfica, classe social, gênero, e contexto situacional. Essa diversidade linguística enriquece a comunicação humana, refletindo a pluralidade de experiências e identidades dos falantes.

Um exemplo clássico de variação linguística geográfica é a distinção entre o “inglês americano” e o “inglês britânico”, sendo o primeiro utilizado por falantes nativos dos Estados Unidos e o segundo por falantes nativos do Reino Unido. Ambas formam o que é chamado de “língua padrão”, por mais que dentro dessas duas variações ainda existam mais várias outras, especialmente se considerarmos a pronúncia. Cada uma das duas têm suas peculiaridades em vocabulário, escrita, gramática e pronúncia. Essas duas variações são frequentemente destacadas e utilizadas em materiais didáticos, inclusive nos dois materiais didáticos citados neste trabalho, quando o EF tem seu foco contextual em conteúdo na variação britânica e o AEF, por sua vez, na americana.

Muitas instituições de ensino ao redor do mundo adotam o inglês britânico ou americano como padrão em seus currículos de ensino de inglês. Isso se reflete nos materiais didáticos, nos exames de proficiência e nas práticas pedagógicas, que muitas vezes se alinham a uma dessas normas linguísticas. Essa delimitação tão clara nos leva a refletir sobre os motivos pelos quais são tão prestigiadas e amplamente ensinadas. Assim como McKay (2002) desenvolve, a globalização do inglês gerou muitas novas variações da língua, tornando o ensino de um padrão específico um desafio, por mais que muitos criadores de materiais insistam na prática.

Jenkins (2015) discute como a visão de grandes universidades que se dizem multilinguisticamente orientadas ainda é bastante limitada. Um exemplo disso é um anúncio sobre o IELTS, um teste de proficiência em inglês que se afirma ser aceito “por todo o mundo”, mas que na verdade é aceito predominantemente por instituições americanas. O desenvolvimento do IELTS por profissionais de países

como Nova Zelândia, Canadá, Estados Unidos, Reino Unido e Austrália é citado como prova de sua natureza "verdadeiramente internacional". No entanto, essa afirmação é enganosa e seletiva, pois exclui dezenas de países de outros continentes, cujos profissionais são igualmente capacitados linguisticamente. Essa exclusão reflete uma visão restrita e eurocêntrica da internacionalização, que não reconhece a diversidade e as contribuições de outras regiões do mundo, perpetuando uma desigualdade na representação e valorização de diferentes culturas e contextos linguísticos.

A justificativa da predominância do inglês americano e do inglês britânico pode ser atribuída a vários fatores históricos, econômicos e culturais. Historicamente, o Reino Unido desempenhou um papel crucial na disseminação da língua inglesa através do colonialismo e do comércio global. A influência cultural e política do Império Britânico estabeleceu o inglês como uma língua de prestígio e uso internacional. Posteriormente, os Estados Unidos emergiram como uma superpotência global no século XX, com uma influência cultural, econômica e política muito evidente. A exportação de produtos culturais americanos, como filmes, música, literatura e tecnologia, contribuiu significativamente para a disseminação do inglês americano. Além disso, os Estados Unidos são um importante centro de inovação e educação, atraindo estudantes e profissionais de todo o mundo, o que reforça ainda mais a relevância do inglês americano.

Duranti (1997, [2012]) discute o conceito de "força centrípeta", que é a ideia de que todos deveriam usar apenas uma variação linguística padrão. Essa força centrípeta promove a unificação linguística, afastando-se das diferenciações que são tão reais e presentes na sociedade. No sistema social real, entretanto, existe uma grande diversidade de variações linguísticas, refletindo a multiplicidade de experiências, identidades e contextos dos falantes. O desenvolvimento de novas variedades de inglês é um resultado natural da disseminação da língua pelo mundo, que vem acontecendo em largas escalas. É necessário questionar qual padrão de inglês deve ser ensinado nas escolas, considerando a diversidade de formas que a língua assumiu em diferentes panoramas culturais e geográficos.

É importante entender que o inglês é uma língua global, falada por milhões de pessoas em diversos cenários culturais e regionais. Existem muitas outras variações do inglês, como o inglês australiano, o inglês canadense, o inglês indiano, entre outros, que também possuem suas próprias características e contribuições culturais.

A reflexão sobre o prestígio do inglês americano e britânico nos leva a considerar a importância de valorizar a diversidade linguística dentro do próprio inglês. Promover uma visão mais inclusiva e abrangente do ensino de inglês pode enriquecer amplamente a experiência de aprendizagem, permitindo que os estudantes tenham acesso a uma gama mais ampla de variações linguísticas e culturais.

Brown (1994) fala como a competência intercultural é essencial para o aprendizado de uma segunda língua, especialmente em contextos de superdiversidade, onde múltiplas culturas coexistem e interagem. Uma pessoa que desenvolve essa competência consegue identificar de forma proveitosa e valorizar tanto seus próprios traços culturais quanto os dos outros, promovendo uma compreensão mútua e um respeito mais profundo entre diferentes culturas. É importante que o ensino de línguas estrangeiras não desvalorize a língua materna e a cultura dos alunos. Ao contrário, deve-se buscar maneiras de enaltecer essas culturas, integrando-as no processo de aprendizagem. A competência intercultural, portanto, desempenha um papel vital nesse processo, pois facilita a comunicação e a interação eficaz em contextos multiculturais. Para que isso seja efetivo, materiais didáticos e professores devem desenvolver estratégias que valorizem a cultura local dos alunos enquanto ensinam uma língua estrangeira. Isso pode incluir a integração de referências culturais locais nos materiais didáticos, a promoção de discussões sobre tradições e costumes dos alunos, e a criação de atividades que permitam aos alunos compartilhar e explorar suas próprias identidades culturais. Enaltecer a cultura local não apenas fortalece a autoestima e a identidade dos alunos, mas também enriquece o aprendizado da língua estrangeira, tornando-o mais relevante e significativo. Dessa forma, a competência intercultural não é apenas um objetivo educacional, mas uma ferramenta poderosa para fomentar uma aprendizagem mais inclusiva, respeitosa e eficaz.

2.1 Metodologia

McKay (2002) afirma que:

“Uma pedagogia apropriada para o Inglês como Língua Internacional (EIL) é aquela que promove o bilinguismo em inglês para aprendizes de todos os contextos, reconhece e valida a variedade de "Inglês Mundiais" que existem hoje, e ensina inglês de maneira que atenda às necessidades linguísticas locais e respeite a cultura local de aprendizado.” (p. 21, nossa tradução¹⁰.)

Em concordância, a questão da interculturalidade será investigada neste trabalho através de uma pesquisa qualitativa ao levantar uma análise de pontos cruciais presentes ao longo do segundo volume da sequência de materiais didáticos para aprendizes adultos e jovens adultos de língua inglesa. São *English File* (terceira edição) e *American English File* (segunda edição), subtitulados como *Level 1* (nível 1) na versão *AEF* e *Elementary* (básico) na versão *EF*. Estes dois livros foram selecionados por apresentarem estrutura e seleção de conteúdos muito semelhantes e por terem sido publicados dentro do intervalo de um ano, um curto período. De acordo com o padrão esquematizado pelo Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (CEFR), utilizado mundialmente como referência, este livro é destinado a alunos do nível A2, chamado de básico intermediário.

Ao longo dos livros será selecionado e analisado o conteúdo principal das lições do *Student Book* (livro do aluno) em suas imagens, textos e exercícios nas seções *reading*, *listening* e *speaking* aplicados pelo material que trazem pontos interculturais em algum nível de profundidade. Baseando-se nas ideias de McKay (2002) e Duranti (2012), será discutido se os materiais em questão citam e se aprofundam suficientemente em traços culturais de diferentes países, trazendo ao ensino da língua inglesa seu aspecto inegável de língua internacional. Além disso, será analisado se há a predominância das variedades “inglês americano” e “inglês britânico”, e como são representadas.

¹⁰ Original: “An appropriate EIL pedagogy is one that promotes English bilingualism for learners of all backgrounds, recognizes and validates the variety of World Englishes that exist today, and teaches English in a manner that meets local language needs and respects the local culture of learning”.

2.2 O material: *Level 1 e Elementary*

Ambos os livros das versões EF (2012) e AEF (2013) são compostos por 50 unidades, organizadas em blocos de 4. A cada oito unidades, há o "Practical English", cuja proposta é trazer situações do dia a dia que os falantes podem enfrentar, como ir ao restaurante, pedir um café, comprar roupas, visitar pontos turísticos das cidades e outros. Essas unidades são como novelas, pois apresentam vídeos roteirizados com a história de dois personagens principais, Rob Walker e Jennifer Zielinsky, além de alguns personagens secundários. Além disso, intercalando a cada 4 unidades, há o "Revise and Check", cuja intenção é revisar a matéria das últimas oito unidades e trazer textos e vídeos adicionais.

Ao longo dos materiais, a única menção direta a algo intencionalmente cultural são apenas nas unidades Practical English 2 (Figura 1) e Practical English 4, de ambos os livros.

Figura 1

c Watch or listen again. Complete the **You Hear** phrases.

))) You Hear	You Say 
Can I _____ you?	What would you like, Jenny? An espresso, please.
_____ or double?	Double. Can I have a latte, please?
_____ or large?	Large.
To have _____ or take away?	To take away.
Anything else?	No, thanks. A brownie for me, please... and a croissant.
OK.	How much is that?
That's £12.45, please.	Sorry, how much?
£12.45. Thank you. And your _____.	Thanks.

 **Cultural note**
barista = a person who works in a coffee shop

d  27))) Watch or listen and repeat the **You Say** phrases. Copy the rhythm.

Tratam-se de pequenos quadros contendo o título "Cultural Note", que fornecem breves explicações culturais. Um desses quadros explica o que é um barista, enquanto outro explica o que é o The Tate Modern, uma galeria de arte em Londres. No entanto, essas notas culturais são bastante sucintas, consistindo em apenas uma frase, e não são desenvolvidas nos exercícios anteriores ou posteriores, sendo apenas mencionadas brevemente nos textos base. Embora a inclusão dessas notas culturais seja um passo positivo para integrar elementos culturais no aprendizado da língua, a falta de aprofundamento limita seu impacto educacional. Para maximizar a eficácia dessas notas culturais, seria benéfico expandi-las e integrá-las mais profundamente nas atividades de aprendizagem. Por exemplo, após explicar o que é um barista, os alunos poderiam realizar uma atividade prática onde simulam pedidos em uma cafeteria, ou discutir as diferenças culturais na cultura do café ao redor do mundo. Da mesma forma, a explicação sobre o Tate Modern poderia ser seguida por uma análise de obras de arte famosas expostas na galeria, ou uma discussão sobre o papel das galerias de arte na preservação e promoção da cultura. Devemos estar cientes da relação complexa e dinâmica entre a linguagem e cultura (Brown, 1994), pois isso enriquece a experiência de aprendizado, tornando-a mais envolvente e relevante, e ajuda os alunos a desenvolver uma compreensão mais profunda e holística da língua e das culturas associadas a ela.

Baseando-se nas afirmações de Duranti (2012), Brown (1994), Jenkins, Cogo e Dewey (2011) e McKay (2012), que reconhecem e afirmam a importância da diversidade linguística e cultural no contexto da sala de aula, é possível observar traços positivos em algumas unidades dos materiais EF e AEF, mesmo que não estejam intituladas como algo cultural. Esse é um ponto positivo, já que a presença de elementos culturais no material didático deve ser incorporada de maneira integral e natural por se tratar de algo essencial.

A unidade 1B de ambos os livros, intitulada *All over the world* (Pelo mundo inteiro), aborda o tema das nacionalidades, oferecendo uma excelente oportunidade para explorar diversas culturas ao redor do globo. Na primeira página, há um quiz sobre diversos países, contendo perguntas sobre suas capitais, moedas, comidas típicas, bandeiras, hinos e línguas (Figura 2). Esta atividade inicial não apenas desperta a curiosidade dos alunos sobre diferentes culturas e gera discussões de forma descontraída, mas também promove a conscientização, a aprendizagem e o

respeito pela diversidade cultural de diversos países como Japão, Espanha, Turquia, Vietnam, entre outros.

Figura 2

1B All over the world

1 VOCABULARY the world

a Can you name three countries in English?

b ➤ p.149 Vocabulary Bank The world

c 17 Listen. Say the nationality.

Scotland Scottish

d In pairs, do the quiz.

Useful phrases
I think it's Italian.
I think it's Russian, but I'm not sure.

2 PRONUNCIATION /ɪ/, /e/, /i/, /i:/

The /ɪ/ sound
The /ɪ/ sound is the most common vowel sound in English. The /ɪ/ sound has many different spellings, e.g. *hit*, *Saturday*, *Britain*.

a 20 Listen and repeat the words and sounds.

	computer	American	Argentinian
	Scotland	Switzerland	

b 21 Listen and repeat the sound pictures and sentences. Practise with a partner.

1 chess Charles is Czech, not French.

2 shower She's Polish or Russian. I'm not sure.

3 jazz We're German and they're Japanese.

c ➤ p.166 Sound Bank. Look at the example words and spellings for the sounds in a and b.

1 Where are these capital cities?

a Canberra _____

b Prague _____

c Warsaw _____

d Ankara _____

e Edinburgh _____

2 What country is the money from?

a the dollar _____

b the yuan _____

c the rouble _____

d the pound _____

e the yen _____

3 What country is the food from?

a topos _____

b goulash _____

c pizza _____

d tocos _____

4 What nationality are the flags?

a _____

b _____

c _____

d _____

5 18 What national anthem is it? Write the nationality.

a _____ c _____

b _____ d _____

6 19 What language is it? Write a-d in the boxes.

Turkish Russian

Chinese Irish (Gaelic)

Languages
The word for a language is usually the same as the nationality adjective, e.g. in Italy the language is Italian.

English File, página 6

Outro bom exemplo em que a diversidade cultural pode ser encontrada nos materiais didáticos é na unidade 10A com o título *The most dangerous road...* (A estrada mais perigosa...). O tema gramatical da unidade é superlativos, e para exemplificar fatos extremos o livro traz exemplos de pontos turísticos de cidades na Itália, Portugal, Bolívia, Argentina e Japão (Figura 3). Além disso, há um texto que fala sobre as estradas mais perigosas da Bolívia, adicionando um enriquecimento cultural substancial ao conteúdo.

Figura 3

10A The most dangerous road...

1 VOCABULARY places and buildings

a Complete these famous tourist sights with a word from the list. Do you know what countries / cities they are in?

Bridge Castle Mountains Square Street

1 Trafalgar _____ 4 Edinburgh _____
 2 The Golden Gate _____ 5 The Rocky _____
 3 Wall _____

b **2** Listen and check.

c **p.154 Vocabulary Bank** Places and buildings.

2 GRAMMAR superlative adjectives

a Look at the photos. Do you know what countries they are in?

b **4** With a partner, complete the captions with a phrase from the list. Listen and check.

the biggest the busiest the most dangerous
 the longest the most popular the widest

c Complete the chart with superlatives from b.

Adjective	Comparative	Superlative
big	bigger	the biggest
long	longer	
wide	wider	
busy	busier	
dangerous	more dangerous	
popular	more popular	

d What letters do you add to a one-syllable adjective to make a superlative? What words do you put before longer adjectives?

e **p.142 Grammar Bank 10A.** Learn more about superlative adjectives and practise them.

1 The Louvre is _____ art gallery in the world.

2 Vasco da Gama Bridge is _____ bridge in Europe.

3 The Yungas Road is _____ road in the world.

4 Tiananmen Square is _____ square in the world.

5 Avenida 9 de Julio in Buenos Aires is _____ street in the world.

6 Shjnguku Station in Tokyo is _____ railway station in the world.

English File, página 76

Outros bons exemplos de inclusão de aspectos culturais ao redor do mundo podem ser encontrados nas unidades 4A, em que é apresentado celebridades de países como Canadá, Argentina e Itália ao perguntar pros alunos o que conhecem sobre eles e se têm interesse em suas vidas pessoas, abrindo a oportunidade para falar de estrelas de outros países e seus costumes; 4C, em que é discutido os hábitos diários de pessoas que vivem uma longa vida em comunidades no Equador, Japão e Itália e abre espaço para os alunos compararem esses hábitos com os dos habitantes de seu próprio país; 5B, o tópico "vizinhos barulhentos" é explorado, e os alunos têm a oportunidade de aprender sobre comportamentos sociais e normas culturais através de um texto e um áudio que descrevem como as pessoas lidam com essa questão na Suíça; 6C, onde há um "quiz musical" com a menção de

artistas de diversos países como Espanha, Irlanda, Estados Unidos, Barbados e Alemanha, além de um texto falando sobre um grupo musical na Venezuela que mudou a vida de alguns jovens antes fadados ao tráfico local; 8C, que traz dois hotéis reais na Inglaterra e na Escócia que dizem ser mal assombrados; 9A, na qual comidas típicas britânicas, espanholas e japonesas são citadas e os alunos discutem qual prefeririam comer; 11A, cujo tema é “primeiras impressões”, os alunos aprendem sobre aspectos como comida, pessoas, clima e arquitetura das cidades Atlanta (Estados Unidos), Malmo (Suécia) e Valencia (Espanha).

Há outras menções de nomes de países e cidades, mas são superficiais. Embora essas demais referências a diversas nações, estados e cidades sejam presentes, não são desenvolvidas de maneira a proporcionar uma compreensão mais rica e detalhada das culturas envolvidas ou comparação com as dos alunos. São apenas breves comentários ou exemplos que não são suficientes para gerar discussão ou reflexão acerca de costumes, tradições ou contextos históricos desses países.

Embora haja referências a diversos países no material didático, é possível questionar a predominância de indicação a países da Europa e América. Há poucas menções a países dos continentes africano, asiático e oceânico. A maior ocorrência é, sem dúvidas, de elementos culturais dos Estados Unidos e do Reino Unido. Essa desproporção limita a exposição dos alunos a uma variedade mais ampla de culturas globais e perpetua uma visão eurocêntrica e ocidentalizada do mundo. Para um aprendizado mais inclusivo e diversificado, seria benéfico incluir mais exemplos e referências a culturas de outras regiões do mundo. Os falantes dos países desses continentes menos citados, que são muitos aprendendo inglês (McKay, 2002), podem se sentir excluídos e discriminados, além de terem menos oportunidades de ver sua identidade cultural representada no material didático que alcança tantas pessoas. Brown (1994) afirma:

Não é necessário pensar no inglês como uma língua cuja identidade cultural só pode estar ligada a países como Estados Unidos, Reino Unido ou Nova Zelândia. Sem dúvida, seus alunos estarão mais interessados nos usos práticos e não estigmatizados do inglês em vários contextos em seus

próprios países do que em imitar o inglês americano ou britânico. (Nossa tradução¹¹)

Apesar dessa ideia, os materiais EF e AEF mostram um foco predominante na cultura britânica e americana. Ao comparar a terceira edição do EF, que foi lançada em 2012, e a segunda edição do AEF posteriormente em 2013, é perceptível uma transição significativa: enquanto o EF destaca aspectos da cultura britânica, na versão do AEF esses elementos foram substituídos por referências à cultura americana. Um exemplo dessa predominância é a sequência das unidades “Practical English”, onde os personagens principais sempre intercalam viagens a trabalho entre Londres e Nova York apenas, visitando seus pontos turísticos principais. Além disso, também houveram mudanças incluindo o vocabulário e ortografia utilizado nos materiais e os sotaques dos falantes nos áudios gravados, que foram adaptados para refletir a variante americana do inglês.

Quanto aos títulos das unidades, o AEF modifica: a unidade 3A de *Things I love about Britain* (Coisas que amo sobre a Grã-Bretanha) no EF para *Things I love about the US* (Coisas que amo sobre os Estados Unidos), a unidade 3C vai de *Love online* (Amor virtual) para *Meeting online* (Encontro virtual), a unidade Practical English 2 vai de *Coffee to take away* (Café para a viagem) para *At a coffee shop* (Em uma cafeteria), a unidade 5A vai de *Do you have the ‘X factor’?* (Você tem o fator x?) para *Are you the next ‘American Idol’?* (Você é o próximo ídolo americano?)¹², a unidade Practical English 3 vai de *In a clothes shop* (Em uma loja de roupas) para *In a clothing store* (Em uma loja de roupas) e a unidade 12A vai de *Books and films* (Livros e filmes) para *Books and movies* (Livros e filmes). Essas mudanças apresentam não apenas mudanças para termos mais utilizados em cada país, mas principalmente diferenças culturais.

Vamos tomar como exemplo as unidades 3A, *Things I love about Britain* (Coisas que amo sobre a Grã-Bretanha) no EF e *Things I love about the US* (Coisas que amo sobre os Estados Unidos) no AEF. No EF, trata-se de um jornalista

¹¹ Original: “It is certainly not necessary to think of English as a language whose cultural identity can lie only with countries like the United States, the United Kingdom, or New Zealand. Your students no doubt will be more interested in the practical, nonstigmatized uses of English in various contexts in their own countries than in imitating American or British English.” Página 163.

¹² As expressões em inglês são referências aos grandes reality shows de novos talentos “The X Factor”, transmitido de 2004 a 2018 no Reino Unido e “American Idol”, transmitido de 2002 aos dias atuais nos Estados Unidos.

americano listando seus motivos para justificar porque o Reino Unido é um “paraíso”, que inclui o clima, bancos, motoristas no trânsito, entre outros (Figura 4).

Figura 4

Starbucks, summer, and other things I ♥ love about Britain

Mark Vanhoenacker, an American journalist who lives in London, says the UK's not just OK – it's paradise. **These are some of his reasons...**

Walking
Britain isn't a good place for cyclists. But for pedestrians it is wonderful. When you walk on a zebra crossing, all the drivers stop.

Banks
British banks are great – you do everything online, and you don't pay when you take money out of an ATM. And if you want to change banks, the banks do all the work, not you.

Drivers
The British are very polite when they drive. They don't hoot, and they are patient with other drivers. They always say thank you when you let them pass.

No ID Cards
Britain is one of the only places in the world where people don't have ID cards. In the US you need ID when you buy a drink, go to a club, use a credit card, or take an intercity train.

Summers
I love British summers! A good summer day in Britain is dry and warm, but not very hot.

Starbucks
Starbucks isn't British, of course, but I prefer the Starbucks in Britain. They are nice, friendly places where people read the newspaper and drink good coffee. And the waiters don't write your name on the cups – I feel stupid in America when the waiter calls "Mark, your tall cappuccino with extra chocolate!"

Boots the Chemist
Chemists in the UK are wonderful, friendly shops and completely different from US pharmacies. Boots sells everything you want, not just medicine, and the shop assistants give you good advice.

English File, página 21

Figura 5

State Parks, freeways, and other things I love about the US

Jenny Clark, an Australian mom and college student who lives in California, says the US isn't just OK – it's paradise. **These are some of her reasons...**

Coffee
American cups of coffee are very big! A small cup of coffee in the US is like a large cup of coffee in Australia. If you're in a hurry, you go to a drive-through and buy coffee from your car. It's so easy!

State Parks
California has 278 state parks, and they are beautiful. On the weekends, I bring my family to a state park in my area. We explore the forest, find small animals, and enjoy the tall redwood trees.

Malls
I love shopping, and in the US, the malls are very big. People walk around and shop for hours. US malls have many different stores, and the salespeople are friendly and help you find things.

Fall
I love the fall weather in the US. A good fall day in California is cool, but not too cold. I also love the trees. They change from green to yellow, red, and brown.

Freeways
I prefer the roads in the US. The freeways are very fast, and in California they have a lot of car lanes. It's really easy to drive from one place to another.

Theme Parks
Theme parks are very popular in the US, and we live near the Great America Theme Park. My children like the rides and water slides. Sometimes the lines for the rides are long, but that's OK. We need rest!

Red Robin
Red Robin is a restaurant that has great hamburgers. I don't eat meat, but I like the french fries and lemonade at Red Robin. I think the fried cheese sticks are fantastic, but sometimes they aren't on the menu. Maybe that's because they aren't very healthy!

American English File, página 21

Na versão do AEF (figura 5), o texto é escrito por uma mãe da Califórnia que explica, por sua vez, seus motivos para considerar os Estados Unidos um “paraíso”. Entre eles estão o café, parques nacionais, trânsito, entre outros. Os exercícios que os seguem, nos dois livros, são interpretativos, e o último é uma abertura para discutir com os alunos a comparação dos itens da lista com os do seu país de origem.

Por mais que o AEF tenha mantido alguns itens sobre outras culturas, há diversas mudanças nesse âmbito, a exemplo: a unidade *Revise and Check 3&4* no EF traz um texto intitulado *Is this the typical British man?* (Esse é o típico homem britânico?), enquanto no AEF foi adaptado para *Is this the typical American man?* (Esse é o típico homem americano?), ambos falando sobre o homem tradicional desses países, trazendo pontos como o que ele come, quanto ganha por ano e o que faz no seu tempo livre; na unidade 5C, intitulada *Sun and the city* (O sol e a cidade) em ambos os livros, na sua versão EF traz o texto *What to do in London...* (O que fazer em Londres) e o AEF muda para *What to do in New York City...*” (O que fazer em Nova Iorque) para treinar vocabulário climático, descrevendo atividades comuns em cada cidade de acordo com diferentes climas; na lição 5A, há uma seção de leitura sobre alguns ganhadores dos programas de TV *The X Factor* (EF) que foi alterado para ganhadores do *American Idol* (AEF), que na verdade não faz sentido para alunos, pelo menos, brasileiros, já que nenhuma das pessoas mencionadas são conhecidas no Brasil.

Embora haja uma grande ênfase nessas duas variações do inglês, excluindo completamente outras, pelo menos há frequentemente em cada unidade uma indicação para discussão ao comparar os traços culturais com os dos próprios alunos. O material didático constantemente abre espaço para que os alunos falem sobre suas próprias culturas, mesmo que o livro em si não traga dados de uma variedade grande de países. Essa abertura é positiva, pois permite que os alunos explorem e compartilhem suas próprias experiências e tradições culturais, promovendo uma troca enriquecedora de perspectivas dentro da sala de aula. A figura 6 representa um exemplo. Nesta unidade (11A - *First impressions*/ Primeiras impressões), pessoas falam sobre vários aspectos de cidades que visitaram. Nesta atividade, os alunos são impulsionados a falarem de aspectos de suas próprias cidades natais ou das que já visitaram.

Figura 6

c Answer the questions in small groups.

- 1** In your country or city how do people...?
 - dress for special occasions
 - treat tourists
 - drive
 - eat at lunchtime during the week
 - speak foreign languages
 - behave at sports matches
 - decorate their houses
- 2** Think of a time when you went to another country or another city / region in your country for the first time. What did you notice about...?
 - the people
 - the food
 - the driving
 - the houses
 - the weather

3. Considerações Finais

Os materiais didáticos EF e AEF são fortemente focados nas variações britânica e americana do inglês, enquanto ignoram muitas outras variações ao redor do mundo. As diferenças entre os dois não constituem dois livros distintos. Trata-se, na verdade, do mesmo livro, que mantém o mesmo conteúdo programático em ambas as versões. As diferenças encontradas dizem respeito principalmente às referências culturais e ao sotaque dos falantes nos áudios. Embora ambas versões incluam diversos exemplos de outros países em níveis por vezes superficial, por vezes mais aprofundada, ainda há espaço para expandir ao citar nações de outros continentes, como África, Ásia e Oceania. No entanto, esses materiais se destacam positivamente ao oferecer exercícios de discussão livre em que os alunos têm a oportunidade de falar sobre suas próprias culturas e outras que conhecem. Isso promove um ambiente de aprendizado mais inclusivo, permitindo que os estudantes explorem e compartilhem suas experiências culturais (McKay, 2002).

Jenkins, Cogo, Dewey (2011) afirmam: "Tem havido pouca discussão sobre como uma pedagogia poderia ser orientada para o ELF¹³, e pouca consideração sobre o que os professores poderiam fazer para incorporar uma perspectiva ELF." De acordo com os autores, há pouca exploração sobre o tópico EIL atualmente, mas é algo que deve ser mais amplamente estudado, testado e aplicado. Trata-se de um assunto complexo que merece atenção. É inegável que o inglês tem sido cada vez mais utilizado por diversos países ao redor do mundo, e os materiais didáticos de língua inglesa usados em salas de aula bilíngues devem considerar e aplicar esse conceito. Devido à grande importância da representação cultural no aprendizado de uma língua (Duranti (1997 [2012])), investir conhecimento nesse campo é essencial. Seria extremamente benéfico para a aprendizagem incluir em futuras versões destes materiais didáticos uma representação mais ampla de culturas globais. Isso não só enriqueceria a compreensão dos alunos sobre a diversidade cultural, mas também ajudaria a construir uma visão mais inclusiva e equilibrada do mundo. A inclusão de exemplos e referências a culturas de outros continentes proporcionaria uma visão mais completa e justa da diversidade linguística e cultural existente no uso global do inglês. Isso contribuiria para um ambiente de aprendizado mais representativo e respeitoso, onde todas as culturas têm espaço e valor.

¹³ Inglês como Língua Franca (English as a Lingua Franca)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROWN, H. D. **Cultural and sociopolitical contexts**. In: Teaching by principles. Longman, 1994.
- CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS & ASSESSMENT. **Entenda o Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas - CEFR**. Disponível em: <https://www.cambridgeenglish.org/br/exams-and-tests/cefr/#:~:text=Descreve%20uma%20compet%C3%A2ncia%20lingu%C3%ADstica%20numa,is%20disabled%20in%20your%20browser..> Acesso em: 6 abr. 2024.
- DERAKHSHAN, Ali. **The Critical Analysis of Cultural Values in American English File Textbook Series**. Disponível em: https://criticalstudy.ihcs.ac.ir/article_3460_en.html?lang=en. Acesso em: 23 abr. 2024.
- Duranti A. **Theories of culture**. In: Linguistic Anthropology. Cambridge Textbooks in Linguistics. Cambridge University Press; 1997 [2012:23-50].
- Duranti A. **Linguistic diversity**. In: Linguistic Anthropology. Cambridge Textbooks in Linguistics. Cambridge University Press; 2012:51-83.
- ESPINAR, Á.; RODRÍGUEZ, A. **The development of culture in English foreign language textbooks: the case of English File**. Revista de Lenguas para Fines Específicos, p. 114–133, set. 23DC.
- JENKINS, J.; COGO A. and DEWEY M. (2011). **Review of developments in research into English as a lingua franca**. Language Teaching, 44, pp 281-315 doi:10.1017/S0261444811000115
- JENKINS, J. **Repositioning English and multilingualism in English as a Lingua Franca**. Englishes in Practice, p. 49-85, 2015.
- LATHAM-KOENIG, C.; OXENDEN, C.; SELIGSON, P. **American English File 1**. Second ed. Oxford University Press, [2013].
- Latham-Koenig, C., Oxenden, C., & Seligson, P. **American English File 1: Teacher's Book**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- LATHAM-KOENIG, C.; OXENDEN, C.; SELIGSON, P. **English File Elementary**. Third ed. Oxford University Press, [2012].
- MCKAY, Sandra. **English as an International Language**. In: RETHINKING our understanding of teaching. 2002. cap. 1, p. 15-21. Oxford University Press. (2018). **The English File impact study**. Oxford Impact Framework.
- ZIAEI, Sima. **Examining Cross-Cultural Clues as to Globalization and Iran's Culture in an International ELT Book Series - American English File**. Mediterranean Journal of Social Sciences, 3 jan. 2012. DOI 10.5901/mjss.2012.03.01.141. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/267561542_Examining_Cross-Cultural_Clues_as_to_Globalization_and_Iran's_Culture_in_an_International_ELT_Book_Series_-American_English_File. Acesso em: 23 abr. 2024.